

APRESENTAÇÃO

Carin Klein¹
Maria Cláudia Dal'Igna²
Maria Simone Schwengber³

Vivemos um tempo de profundas transformações sociais, sobretudo, no que diz respeito às culturas contemporâneas. Há uma multiplicação dos locais de acesso e veiculação de conhecimentos e saberes, expandindo e pluralizando as pedagogias do presente. Ao mesmo tempo, a proposição deste dossiê ocorre em tempos turbulentos no Brasil, impactados por uma pandemia em andamento devido à covid-19 e por ofensivas antigênero, às quais tem adquirido outros contornos com a aprovação de políticas neoconservadoras a partir de 2013, e com as eleições presidenciais de 2018.

O propósito que nos uniu na elaboração deste dossiê, vincula-se ao interesse comum de questionar o presente e colaborar com a construção de futuros possíveis, pautando o debate sobre gênero desde a perspectiva da democracia, da pluralidade cultural, da não essencialização do ser humano branco, hétero e cisgênero e da defesa de um ensino laico. Desse modo, pretendemos oferecer subsídios teóricos e metodológicos, principalmente, dos campos dos Estudos de Gênero e dos Estudos Culturais, a fim de desnaturalizar as relações de poder que constituem os gêneros e as sexualidades, bem como modos de classificação, hierarquização e desigualdades daí decorrentes. Eis aí uma função que consideramos fundamental para a pesquisa em educação, para a formação de docentes e para a formação humana.

Com isso, ressaltamos que o dossiê foi produzido com base em duas premissas teóricas sustentadas pelos campos já citados: a primeira, que parte do gênero como um organizador das relações sociais e de saber-poder; e, a segunda, em que consideramos os processos educativos que ocorrem na cultura, de forma intencional ou não, como constituintes das identidades de gênero, tendo em vista que ensinam, conduzem e ressoam sobre as nossas formas de viver e de nos tornarmos sujeitos dessa cultura.

¹ Universidade Luterana do Brasil (carinklein31@gmail.com)

² Universidade do Vale do Rio dos Sinos (mcdaligna@hotmail.com)

³ Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (simone@unijui.edu.br)

Os estudos apresentados neste dossiê abordam de forma produtiva e interessada diversos contextos educativos não escolares. Tratam-se de estudos desenvolvidos por pesquisadoras e pesquisadores que evidenciam as produções de feminilidades, masculinidades, maternidades, transversalidades e gêneros em instituições sociais e artefatos da cultura.

Abrem o dossiê com o artigo intitulado *Mulheres mães trabalhadoras na pandemia de covid-19: produção de sentidos em jornais e revistas online*, organizado por Carin Klein, Maria Cláudia Dal’Igna e Maria Simone Schwengber. As autoras examinam sentidos de feminilidades, maternidades e trabalho produzidos e veiculados em jornais e revistas online em 2020, durante a pandemia de covid-19. As reportagens analisadas seguem duas direções principais. De um lado, visibilizam a sobrecarga de trabalho – a originada por atividades domésticas e reprodutivas tidas como próprias do feminino, sem colocar em xeque as desigualdades de gênero, classe, raça, entre outras. De outro, expõem, reivindicam e/ou investem na ampliação das redes de apoio, diante do aprofundamento das desigualdades sociais e de gênero vivenciadas por meio da maternidade.

Já o texto das autoras Elaine Muniz Pires e Ana Laura Godinho Lima denominado “#Síndrome de menasmãin#”: a mãe má e a boa mãe da blogosfera materna brasileira versa sobre os significados atribuídos às boas e às más mães nos blogs maternos brasileiros na última década. Utilizando como método a análise do discurso, a partir da blogosfera da designação da “menos mãe” versus da “mais mãe” e quais comportamentos são considerados determinantes para tal. As autoras analisam disputas no interior deste discurso e como a blogosfera contribui para a normalização de comportamentos maternos e para a imposição de formas corretas de maternagem e de ser mãe.

Ao realizarem um estudo sobre a construção de imagens discursivas sobre o Brasil no exterior, em especial, as representações dos corpos das mulheres brasileiras, Damiana Ballerini analisa entrevistas com quatro imigrantes brasileiras, na Espanha e na Itália, feitas em 2015, e em três reportagens jornalísticas (dos jornais Folha de São Paulo, Corriere della Sera e El País) por ocasião da Copa do Mundo, em 2014, realizada no Brasil. O artigo *Discursos sobre as mulheres brasileiras no exterior: educando corpos através da mídia* argumenta que os corpos são vistos como representativos da identidade nacional brasileira, haja vista que são constantemente sexualizados e racializados.

O estudo intitulado *Mercado, protagonismo e cidadania: marcas sociais como exercício e prática de educação não-formal* discute os processos de criação de Marcas Sociais como exercício de educação não-formal. A partir de dois estudos de caso, Rubyane Gonçalves Borba, Raquel de Aragão Uchôa Fernandes, Michelle Cristina Rufino Maciel e Priscilla Marinho apontam a categoria da educação não-formal como ferramenta operacional de análise para aprendizagens e interações geradas no contexto das Marcas Sociais.

Outro estudo que compõe o dossiê chama-se *Do outro lado da tela: gênero, sexualidade e violência em invasões online* que trata da análise de materialidades discursivas que foram produzidas durante sobre invasões online efetuadas em aulas, palestras e/ou *lives*, no decurso da pandemia de covid-19. A discussão proposta por Francisco Vieira da Silva busca relacionar como o gênero e a sexualidade são acionados para produzir violência e, deste modo, cercear o debate produzido em diversas instâncias das mídias digitais.

Máscaras Sanitárias para crianças: governamento das infâncias e governamentalidade democrática na gestão dos corpos em tempos da Covid-19 é o artigo de Tássio Costa e Tiago Duque. Através da etnografia *online* analisam as máscaras sanitárias como artefato cultural, a partir do concurso do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Compreende-se o seu uso por meio de uma lógica de governamento das infâncias. Já o artigo *Pedagogias de gênero em filmes infantis de animação: romantismo, heroísmo e infantilidade para produção de feminilidades e masculinidades* analisa as posições de sujeito genericadas disponibilizadas por quatro filmes de animação. Para configuração do estudo, Maria Carolina da Silva Caldeira utiliza a etnografia de tela.

Ao propor uma aproximação entre a pornografia audiovisual e a educação sexual escolar médico-científica, Camila Macedo Ferreira Mikos e Jamil Cabral Sierra tomam como objetos de análise o filme *Garganta Profunda* (1972) e a coletânea *Enciclopédia da Vida Sexual: da Fisiologia à Psicologia* (1973). O artigo intitulado *Educação sexual escolar e cinema pornô: aproximações a partir de uma analítica de gênero* realiza suas análises a partir das seguintes indagações: o que os filmes pornográficos ensinam sobre o sexo? Em que medida as pedagogias de gênero e sexualidade exercidas pelo cinema pornô se aproximam das exercidas pela educação sexual escolar? Estariam estes múltiplos discursos sob a égide de uma mesma norma?

A bicha docente despachada: sociopoetizando a educação nas diferenças é o artigo escrito por Roberto Vinício Souza da Silva, Letícia Carolina Pereira do Nascimento e Marcio Caetano em que interrogam os modos como as vivências da *bicha docente despachada* tensionam os discursos cisheteropatriarcais na educação escolar. A pesquisa foi realizada a partir de uma oficina sociopoética em que a *bicha docente despachada* emergiu como personagem conceitual de um *professor-bicha* que vive os desafios e as potencialidades de exercer a docência em uma cidade do interior do estado no Piauí.

Ruann Moutinho Ruani, Dilton Ribeiro Couto Junior e Ivan Amaro analisam os usos do aplicativo Grindr por homens gays durante a pandemia. O artigo *Na quarentena, o tesão pode ser o pior inimigo: conversando com homens usuários do Grindr sobre namoro e “pegação” em tempos de pandemia* nos convidam a analisar interpretativamente os acontecimentos sociais que se encontram em reconfiguração permanente no contexto das práticas culturais mediadas pelo digital em rede.

No artigo *Dois países, contextos diversos de produção de masculinidades e mercados do sexo: identificando pedagogias do gênero e circulação de saberes* os pesquisadores Fernando Seffner e Luis Pablo Orozco, traçam aproximações, a partir de dois projetos de pesquisa distintos. A discussão estabelece um diálogo em torno de aprendizagens, conhecimentos e experiências para centrar suas análises no terreno de produção das masculinidades, assim como, dialogar com alguns outros marcadores sociais da diferença.

Os artigos *(Des)estabilidades do Regime Ciscolonialista a partir do caso da estudante/atleta Mariana Carvalho dos Santos* e *Professores e professoras deveriam ser mais respeitados dentro e fora da escola: representações sociais de crianças acerca da docência masculina*, encerram o dossiê. Enquanto neste, os autores Leonardo Alves de Oliveira e Josiane Peres Gonçalves buscam identificar representações de crianças sobre os professores homens, naquele Rafael Marques Garcia, Eduarda Assunção Niemeyer Leite, Erik Giuseppe Barbosa Pereira, tensionam processos transfóbicos, ciscolonialistas que regem instâncias sociais como família, Universidade e esporte, através da entrevista com a atleta Mariana Carvalho dos Santos.

Desejamos que os textos aqui apresentados possam inspirar e subsidiar professoras e professores, pesquisadoras e pesquisadores inquietas/os a indagar e qualificar as suas práticas sob a perspectiva de gênero. Boa leitura!